

OXIGÊNIO

MARÇO 2022



NÚMERO 31

MARIA MARTINS



A ESCULTORA DOS TRÓPICOS

EDITORIAL

Desejo Imaginante – capa dessa edição – é a maior exposição dedicada à obra de Maria Martins no Rio de Janeiro, desde sua retrospectiva no Museu de Arte Moderna em 1956. A mostra será aberta ao público no dia 12 e permanecerá em cartaz até 26 de junho na Casa Roberto Marinho. Conhecida como a “*escultora dos trópicos*”, Maria Martins marcou presença na história do modernismo brasileiro e no panorama do surrealismo internacional.

“É muito interessante mostrar seu trabalho em 2022, ano em que se comemora o centenário da Semana de Arte Moderna”, diz Fernanda Lopes, uma das curadoras da exposição, ao destacar que “Maria Martins, como Goeldi e Flavio de Carvalho, representa outra ideia dos trópicos, um moderno mais sombrio que subverte o que é dócil e agradável aos olhos do espectador. Não há em sua obra o suposto verniz cordial de um Brasil solar”.

As impressões de nossa correspondente em Londres, Maria Hermínia Donato, sobre o novo Museu do Pontal, após recente temporada no Rio de Janeiro, assim como a 5ª Edição da *Street River Amazônia*, que amplia a galeria fluvial das ilhas do Pará, são outros grandes destaques da edição. Ambos mostram um Brasil criativo, plural e solidário.

Boa leitura!

Foto de capa: Vicente de Mello – Maria Martins, *Duplos Impossíveis, O impossível*, década de 1940
Acervo Banco Itaú, São Paulo

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Fluxos do Moderno (1910 a 1940) | Cassia Kis volta ao Teatro Vivo (SP) com peça inspirada na prosa poética de Manoel de Barros | Estreia nacional de *A Lista* reúne Lilia Cabral e a filha Giulia Bertolli no palco

09

MATÉRIA DE CAPA – EXPOSIÇÃO: Maria Martins, Desejo Imaginante

16

TURISMO: Verão sem fim nos Keys

22

Terra em Tempos no MAM RJ

26

Calor na Galeria Movimento (RJ)

30

Street Art na Amazônia amplia galeria fluvial das ilhas do Pará

35

CINEMA: Terry Gilliam – o onírico anarquista

38

BEBIDAS: Skye, restaurante do luxuoso Hotel Unique (SP), lança clássicos da coquetelaria assinados por Alê D'Agostino e Vicente de Paulo

40

MUSEU DO PONTAL: Síntese poética da arte popular do Brasil



FLUXOS DO MODERNO (1910 a 1940)

*Casa Roberto Marinho
organiza mostra
de acervo em celebração
aos 100 anos da Semana
de Arte Moderna
e reúne alguns de seus
representantes mais
relevantes*

Ismael Nery
Foto: Divulgação

Foto: Leekyung Kim

A experimentação e a diversidade de repertórios de alguns dos expoentes do movimento cultural que transformou a linguagem artística do país está expressa nos trabalhos dos 12 nomes apresentados na mostra: Alberto da Veiga Guignard, Anita Malfatti, Candido Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Nery, José Pancetti, Lasar Segal, Milton Dacosta, Roberto Rodrigues, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret e Vittorio Gobbis.

A exposição abre com expressões que remontam aos primórdios do movimento, como caricaturas e ilustrações que se apresentam como um caminho propício à instalação do moderno. Em seguida, os gigantes Candido Portinari e Di Cavalcanti, que se afirmam nos anos 30 e 40 em defesa de uma cor genuinamente brasileira; e Guignard, outra voz importante da corrente modernista. As reflexões metafísicas de Ismael Nery, um dos artistas mais presentes na Coleção Roberto Marinho, também integram a coletiva.

Pinturas de Anita Malfatti, Milton Dacosta e Di Cavalcanti exibidas pela primeira vez na Casa, e três esculturas de Brecheret, a célebre tela *“O touro (Paisagem com touro)”*, c. 1925, de Tarsila do Amaral, e pinturas de Pancetti e Vittorio Gobbis compõem a seleção. Todos os trabalhos estão dentro do arco das três décadas que pautam a curadoria.

A mostra permanece até 26 junho, com agendamento online através do site do instituto.

SERVIÇO

Fluxos do Moderno (1910 a 1940)

Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105

Rio de Janeiro – RJ

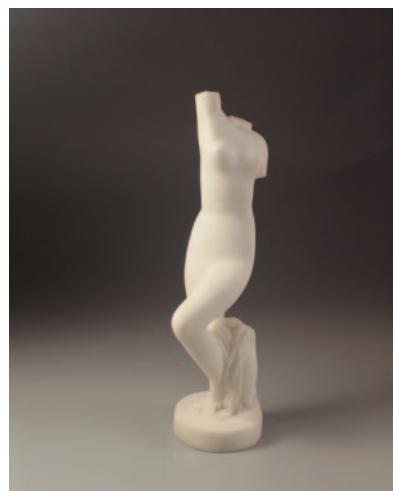
Tel: (21) 3298-9449

www.casaroberomarinho.org.br

Instagram: [@casarobertomarinho](https://www.instagram.com/casarobertomarinho)



Tarsila do Amaral
Foto: Divulgação



Brecheret
Foto: Divulgação

CÁSSIA KIS VOLTA AO TEATRO VIVO (SP) COM PEÇA INSPIRADA NA PROSA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS



Foto: Gal Opido

*Com leveza e humor,
a atriz cria ambiente
íntimo com a plateia
ao interpretar três fases
da vida do autor
conhecido como
“o poeta das infâncias”*

Personificando o poeta Manoel de Barros (1916-2014), a atriz Cássia Kis volta em cartaz com o espetáculo *Meu Quintal é Maior do que o Mundo*, de 4 e 27 de março, com sessões de sexta a domingo, no Teatro Vivo, em São Paulo. A primeira temporada ocorreu em 2019.

O espetáculo é formado por textos do livro *Memórias Inventadas*, primeiro livro de prosa do autor, publicado em 2005. Com uma linguagem simples, coloquial e poética, Manoel de Barros escreveu sobre temas como

o cotidiano e a natureza. Ulysses Cruz, parceiro de trabalho de Cássia há 40 anos e com quem ela divide a dramaturgia, dirige a montagem e assina a criação do cenário e figurinos. Gilberto Rodrigues é responsável pela direção e criação musical, e ao vivo, executa a trilha sonora que costura a encenação.

Cássia estabelece cumplicidade com a plateia ao interpretar quatro diferentes personagens: um menino com 5 anos, um jovem de 15, um homem de 40 e um idoso

de 85. A atriz abre a cena revelando as fontes de inspiração do poeta: a criança, o passarinho e o andarilho. Ao pisar no tapete no centro do palco e com um livro em mãos, evoca o universo poético do cerrado brasileiro, tão bem descrito pelo poeta. *“A peça pede que o espectador ouça as frases bem construídas, a forma como ele dizia essas palavras, as dores que estavam ali escondidas. Manoel era como um andarilho que inventava caminhos,”* diz Cássia.

A sacada de Ulysses ao ler Memórias Inventadas foi perceber que todos os textos continham um enredo. “Entendi que não dava para fazer o livro todo pela quantidade de textos e o risco da fragmentação em pequenas histórias, que geraria dificuldade de compreensão”.

Ulysses organizou 18 textos numa estrutura que permite ao público entender quais são as fontes do poeta por meio de uma divisão em blocos. O primeiro bloco reúne as descrições do cenário que Manoel de Barros faz de seu mundo: o quintal, simbolizado pelo tapete. O segundo bloco mostra quem é a pessoa que descreve tais cenários, ou seja, o menino, o homem ou o velho Manoel de Barros. Finalmente, os escritos trazem os objetos de inspiração do poeta. Ulysses também se colocou no lugar do público e gostaria que ele sentisse *“a alegria de ouvir textos tocantes, surpreendentes, lindos, felizes, angustiados, dramáticos, engraçados e bem-humorados”.*

Conhecedora da obra do poeta, Cássia Kis é uma excelente leitora do escritor mato-grossense. Após descobrir sua poesia em 1980, estabeleceu uma relação não

só com a obra do autor, mas com o próprio Manoel, com quem se correspondia e de quem se tornou amiga.

O espetáculo estreou em janeiro de 2019, marcando a volta da atriz aos palcos depois de 10 anos (sua última peça foi *O Zoológico de Vidro*, de 2009).

SERVIÇO

Meu Quintal é Maior do que o Mundo

Teatro Vivo – Av. Dr. Chucri Zaidan, 2460 - Morumbi

Informações: (11) 3279-1520.

Vendas pelo site *Ingresso Rápido*

Temporada: De 4 a 27 de março de 2022

Sextas-feiras às 20h, sábados às 21h e domingos às 18h

Ingressos: R\$ 60,00 (inteira) R\$ 30,00 (meia)

Classificação etária: Livre

Gênero: Prosa Poética



Foto: Ronaldo Gutierrez

ESTREIA NACIONAL DE *A LISTA* REÚNE LILIA CABRAL E A FILHA GIULIA BERTOLLI NO PALCO

A peça na íntegra será apresentada pela primeira vez

Emoção e humor marcam *A Lista*, espetáculo que traz no elenco Lília Cabral e sua filha Giulia Bertolli, com texto de Gustavo Pinheiro e direção de Guilherme Piva. A estreia nacional acontece no sábado, 12 de março, às 20h30, no Teatro Renaissance. A temporada vai até 12 de junho.

Na peça, Lília interpreta Laurita, uma aposentada que, por força das circunstâncias, se vê obrigada a estabelecer contato com a vizinha, a jovem Amanda, vivida por Giulia Bertolli. O encontro das duas detona um turbilhão de sentimentos, lembranças e descobertas que marcarão suas vidas para sempre.

A peça inédita que agora chega aos palcos é o resultado de um longo processo. Criada durante a pandemia, em maio de 2020, *A Lista* nasceu com o intuito de ajudar os profissionais da área teatral que ficaram sem trabalhar devido ao isolamento social, passou por



Foto: Ricardo Brajterman

algumas experimentações, e foi ganhando corpo com o passar do tempo. A montagem fez apresentações online de um trecho do texto, conquistando mais de 170 mil espectadores.

O espetáculo também foi apresentado parcialmente para plateias reduzidas. No ano passado, quando as regras sanitárias permitiram, um trecho da peça foi apresentado em teatros no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Agora a peça na íntegra será exibida pela primeira vez.

SERVIÇO

A Lista

Teatro Renaissance – Alameda Santos, 2233
Jardim Paulista, São Paulo

Ingressos à venda na bilheteria do teatro e no site
www.olhaoingresso.com.br

DESEJO IMAGINANTE



Maria Martins, *Glêbe-ales*, 1944, Coleção Roberto Marinho, Instituto Casa Roberto Marinho, RJ

Foto: Vicente de Mello

Retrospectiva de Maria Martins, realizada pela Casa Roberto Marinho em colaboração com o MASP, é a mais ampla pesquisa já dedicada à artista. Conhecida como a “escultora dos trópicos”, ela marcou presença na história do modernismo brasileiro e no panorama do surrealismo internacional

A Casa Roberto Marinho e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) apresentam a retrospectiva *Maria Martins: desejo imaginante*, que abre sua temporada carioca no dia 12 de março. Com curadoria de Isabella Rjeille e curadoria adjunta de Fernanda Lopes, a mostra reúne cerca de 40 obras (esculturas, gravuras, desenhos e pinturas) produzidas entre as décadas de 1940 e 1950, além de documentos, publicações e fotografias que contextualizam a trajetória da artista mineira, no Brasil e no exterior.

“É a maior exposição dedicada à obra de Maria no Rio de Janeiro, desde sua retrospectiva no Museu de Arte Moderna em 1956”, revela Fernanda Lopes. “É muito interessante mostrar seu trabalho em 2022, ano em que se comemora o centenário da Semana de Arte Moderna. Ela, como Goeldi e Flavio de Carvalho, representa outra ideia dos trópicos, um moderno mais sombrio que subverte o que é dócil e agradável aos olhos do espectador. Não há em sua obra o suposto verniz cordial de um Brasil solar”.



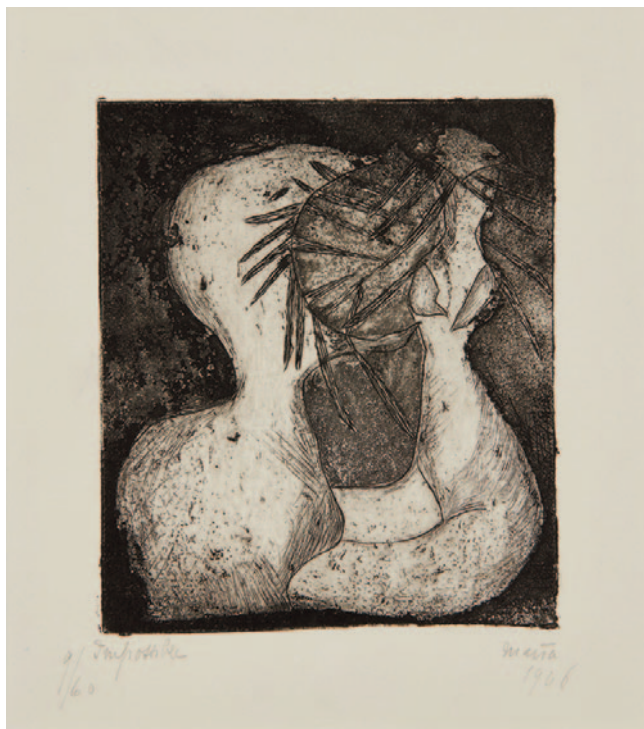
Maria de Lourdes Martins Pereira e Souza, nascida em 1894, em Campanha (MG), marcou presença na história da arte moderna brasileira e no panorama do surrealismo internacional. Escultora, desenhista, gravadora e escritora, teve seu trabalho reconhecido tardiamente no Brasil. Grande parte de sua carreira foi desenvolvida no exterior, enquanto acompanhava as atividades de seu segundo marido, o embaixador Carlos Martins, em diversas partes do mundo.

A poética libidinal de Maria, que abordou questões relacionadas ao erotismo e a uma ideia de feminino ameaçador, desafiou a moralidade da época. A artista enfrentou a rejeição pequeno-burguesa a seu sucesso e chegou a ser classificada como obscena pela crítica especializada. Intitula a exposição a tradução da obra *Désir imaginant*, cujo paradeiro é desconhecido e sobre a qual a artista escreveu, em 1948, a epígrafe: “É preciso que o desejo tenha muita imaginação para poder suportar-se a si mesmo”.



Maria Martins, *Sem título (Macumba?)*, sem data, Coleção Max Perlingeiro, RJ

Foto: Divulgação



Maria Martins, *Impossible*, 1946, Coleção Roberto Marinho, Instituto Casa Roberto Marinho, RJ
Foto: Cadu Piloto

De acordo com Isabella Rjeille, “ao colocar o desejo como sujeito da ação de imaginar, Martins enfatizou seu potencial criativo, transformador e subversivo. Assim, o desejo pode ser entendido como uma força motriz que atravessa toda sua produção, atribuindo agência a um sentimento muitas vezes silenciado, sobretudo quando quem deseja e o expressa é uma mulher”.

Sobre sua obra, Fernanda Lopes escreveu: “Maria Martins sabia que suas deusas e seus monstros sempre pareceriam sensuais e bárbaros para a maioria... Lidavam com ‘uma sexualidade que mordida, invasiva,

que comia pedaços das pessoas’ (Miguel Rio Branco). Usando um termo cunhado pelo surrealista André Breton, um de seus interlocutores em Nova York, em texto de 1928, a beleza em suas esculturas era convulsiva, ou não seria beleza. Naquele momento, e durante muito tempo depois, ela não era o que se esperava de uma mulher, especialmente da ‘mulher do embaixador’ em uma sociedade conservadora. E sua obra, pelo menos dentro do Brasil, também não era o que se queria mostrar como arte brasileira”.

Foi nos anos 1940, após mudar-se para os Estados Unidos, que ela se tornou mais conhecida como artista e intermediadora cultural, obtendo rápida inserção no circuito internacional: “O fato de ter desenvolvido grande parte de seu trabalho no exterior a impediu de participar ativamente dos movimentos modernistas brasileiros. Porém, Martins não deixou de realizar suas leituras e contribuições únicas a respeito de certa visibilidade nacional, o que acabou lhe rendendo a alcunha de escultora dos trópicos”, comenta Rjeille.

Lauro Cavalcanti, diretor da Casa Roberto Marinho, ressalta que Maria Martins é uma artista que se destaca na Coleção do patrono do instituto, e relembra que seu trabalho nem sempre foi apreciado: “Restrições eram-lhe nutridas pela nata da crítica e por destacados pintores. A primeira lamentava que sua arte não fosse claramente ligada a uma corrente, de prefe-

rência geométrica; já os mestres das tintas, à procura de tons locais, rejeitavam o que não fosse exclusivamente ligado a termos nacionais. Os ‘defeitos’ então alegados na obra da escultora seriam, hoje, considerados virtudes: a expressão singular de sentimentos, a marca absolutamente feminina e a não evidência de pertencimento a uma corrente específica”.

Desejo imaginante divide-se em seis núcleos que abordam como a artista articulou, ao longo de sua produção, os diversos imaginários acerca do Brasil e dos trópicos. A exposição inclui legendas expandidas das obras, oferecendo informações acerca da trajetória da artista e apresentando novas leituras de seu trabalho. Encerra a mostra uma completa cronologia ampliada até os dias de hoje.

DUPLOS IMPOSSÍVEIS

Uma das séries de esculturas mais emblemáticas da produção de MM são as suas diferentes versões de *O impossível*. Existem ao menos quatro versões dessa peça, produzidas entre 1944 e 1946, que contam com elementos que se repetem: todas elas representam duplas compostas por uma figura feminina e uma masculina. Há, nas obras reunidas neste núcleo, a impossibilidade de encaixe entre as formas, de comunicação entre opostos; porém, há também o desejo pela união. As relações de dualidade entre amor e morte, desejo e destruição, capazes de existir entre o

feminino e o masculino são temas recorrentes na obra de Martins desde as suas primeiras esculturas inspiradas nas temáticas amazônicas (como *Lacy*, *Cobra grande*, *Uirapirú*).



Maria Martins, *Hasard hagar*, 1947, Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins, SP

Foto: Vicente de Mello

IMAGINÁRIOS AMAZÔNICOS

Em 1941, em Nova York, MM começou a produzir as primeiras esculturas em bronze. Algumas tinham como referência mitologias amazônicas de origem indígena, cenas de rituais e figuras inspiradas nas religiões de matriz africana. As esculturas reunidas neste núcleo representam figuras humanas que se fundem com a natureza que as rodeia, um aspecto que será trabalhado pela artista ao longo de toda a sua trajetória. Os títulos fazem alusão às mitologias indígenas ou sugerem diferentes

situações de rituais. O repertório da artista sobre a Amazônia era composto por textos e imagens que circulavam na época. Ela nunca visitou a região, e cada representação nessas obras carrega em si a leitura e a invenção da artista a respeito destas mitologias.



Maria Martins, *Amazônia*, 1942, Coleção particular, SP
Foto: Vicente de Mello

COMO UMA LIANA

As lianas, cipós ou trepadeiras são plantas características de florestas tropicais. Crescem sobre as árvores e competem pela luz do sol, água e nutrientes do solo.

São plantas capazes de envolver árvores maiores e vão, aos poucos, dominando-as e matando-as. Neste núcleo, a liana, que antes se encontrava emaranhada sobre as figuras humanas das obras “amazônicas” de Martins, reaparece aqui fundida aos seus corpos. Essa metamorfose fica evidente no desenho *As três Graças* (1945), que sugere a transformação de uma mulher em um ser híbrido, parte humano e parte vegetal. Este desenho precede a escultura *Comme une liane* [Como uma liana] (1946), que dá nome ao núcleo e cuja figura humana encontra-se contorcida como um cipó.

POR MUITO TEMPO ACREDITEI TER SONHADO QUE ERA LIVRE



Maria Martins,
*Prometheus II ou
Brûlant de ce qu'il
brûle*, 1948,
Coleção Ayrton
Queiroz, Fortaleza,
Foto: Vicente de Mello

O título do núcleo é apropriado de um dos bronzes da artista de 1945 – *J'ai cru avoir longtemps rêvé que j'étais libre* [Por muito tempo acreditei ter sonhado que



era livre] (1945-46). Dessa obra restou apenas o registro que se encontra na sala *Maria Martins: Vida e Contexto*. O bronze retratava uma mulher cujo corpo contorcido libertava-se de uma densa vegetação. Apresentado em 1946 na individual realizada na *Valentine Gallery* em Nova York, essa e outras peças foram compreendidas pela crítica como um gesto da artista de ter se libertado da “selva amazônica”. Esse trabalho é resgatado aqui por trazer em seu título a temática da busca pela liberdade, um assunto recorrente em diversos trabalhos reunidos nesta exposição.

MITOLOGIAS PESSOAIS

Em meados dos anos 1940, ainda produzindo em contexto estadunidense, as esculturas de Martins ganham maiores dimensões e novos tratamentos formais. As peças produzidas a partir daí recebem títulos mais “literários” e se libertam de uma visualidade que poderia ser facilmente encaixada dentro de certo imaginário sobre os trópicos. Em um poema de autoria da artista intitulado *Explication [Explicação]* (1946), presente neste núcleo, Maria Martins apelida suas esculturas de “*minhas deusas e meus monstros*”, criando, assim, suas

próprias mitologias baseadas em figuras híbridas, fantásticas ou monstruosas.

O sexto núcleo é uma cronologia ampliada até os dias de hoje.

SERVIÇO

Maria Martins: desejo imaginante

Abertura pública: 12 de março de 2022, às 12h

Encerramento: 26 de junho de 2022

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105 – Rio de Janeiro

Tel.: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h

(entrada até às 17h15)

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas

A CRM respeita todas as gratuidades previstas por lei

Link para ingressos:

<http://www.casarobertomarinho.org.br>

Estacionamento gratuito para visitantes, em frente ao local, com capacidade para 30 carros.

A Casa Roberto Marinho é acessível a portadores de deficiências físicas.



Little Palm Island

VERÃO SEM FIM NOS KEYS

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Um rosário de ilhotas interligado por 42 pontes e margeado tanto pelo Atlântico como pelo golfo do México, os Florida Keys merecem ser explorados com vagar

Fiel ao ditado, se em Roma faça como os romanos, na Flórida faça como os americanos. Em outras palavras, nada mais apropriado do que alugar um automóvel – de preferência conversível – para deslizar suavemente numa cênica rodovia que se estira por um itinerário de 257 km a partir do aeroporto de Miami até Key West, o ponto mais ao sul dos Estados Unidos e a última ilha dos Florida Keys, um arquipélago emoldurado tanto pelo Atlântico como pelo golfo do México.

Esse trecho longilíneo da US1 é alinhavado por deslumbrante vegetação tropical, 42 pontes, incluindo a impac-

tante Seven Miles Bridge, situada na altura da MM 47. Esta sigla (Mile Marker) é a referência de localização e se torna familiar ao longo de toda a extensão desse trajeto histórico.

Como deve ser o único arquipélago do mundo onde se pode atravessar de ilha em ilha de carro, é aconselhável iniciar a jornada bem cedinho para aproveitar o dia fazendo algumas paradas de reconhecimento. Desde comprar camisetas icônicas nas simpáticas barraquinhas ao longo da autoestrada, a pontuar a viagem com um ou dois pernoites em oásis de hospitalidade, os Keys merecem ser explorados sem pressa.

Andando de bike na ponte quebrada do Seven Miles Bridge



A partir de Key Largo, a ilha mais próxima do continente, todo o trajeto tem águas translúcidas e re-luzentes de um lado e de outro. Ao redor, muito verde. E, ladeando a estrada, lanchas zarpando de cais, veleiros ancorados em baías protegidas, casinhas coloridas e condomínios à beira-mar: não fosse pelas pontes monumentais e o intenso movimento de carros, daria até para confundir com um cenário caribenho.

À medida que decresce a marcação da estrada (a MM 0 inicia em Key West), aumenta a sensação de que você está penetrando num universo onde o ritmo de vida é totalmente descontraído. E é possível se deixar impregnar pela informalidade que paira nessas ilhas, e se render a um *pit stop* muito oportuno: onde é permitido, estacionar rente ao mar liso e cristalino, perto de uma prainha de areia, para tomar aquele banho refrescante. A temperatura do Atlântico e do Golfo do México é uma delícia (ou um exagero) de quente – algo em torno de 30º C!

Com uma farta infraestrutura turística, as ilhas são um destino por excelência, principalmente Key West. A cidade, que em 1889 fora a mais rica do país, encanta os milhares de visitantes que perambulam pelas ruas do centro histórico de bicicleta, patins, trenzinho elétrico, motonetas e outros veículos peculiares – tudo disponível para aluguel.



Aluguel de jet ski em Key West



Conch tour de trenzinho





Casa de Ernest Hemingway

Foto: Andreas Lamecker / Wikipédia



Key lime pie



A ilha é tão compacta que dá para ser explorada a pé em poucas horas. No programa, visitar a casa do célebre escritor Ernest Hemingway, que morou lá há décadas atrás, assistir ao pôr-do-sol no píer, degustar



patas de caranguejo gigante, ostras frescas, mariscos e, como não podia deixar de ser, algumas fatias da verdadeira Key Lime Pie. Essa torta de limão à la Florida Keys está presente em todos os cardápios da região.

Os esportes náuticos, principalmente a pesca oceânica e o mergulho, são orquestrados com eficiência e sem burocracia em qualquer marina. Entretanto, nada se assemelha à fartura de opções oferecida pelas operadoras sediadas na Whale Harbor Marina (MM83.8) e também na Robbie's Marina (MM 77.5), ambas em Islamorada, ilha aclamada como a capital mundial da pesca. Basta achar uma vaga no amplo estacionamento da própria marina e, se tiver vontade, alugar o equipamento desejado: jet ski, kiteboarding, SUP, caiaque e snorkel, quer seja por uma ou duas horas, por meio dia, por dia...

Tem até diversão garantida para quem se contenta em alimentar os imensos peixes camurupins que povoam as águas em volta do cais. Para o deleite dos praticantes de mergulho, é nesta área que se pode avistar o que restou das primeiras formações de corais que deram origem aos Keys, há 100 mil anos atrás.

Programe uma parada estratégica por volta do meio dia, quem sabe na ilha de Marathon, pois além de escapar do calor e do sol implacável num ambiente com

ar condicionado, a sugestão é experimentar, em algum dos coffeeshop de beira da estrada, um “brunch” *à la* Conch – denominação dos nativos dos Keys, que não apreciam ser rotulados como cidadãos “da Florida”.

Quando estiver quase chegando em Key West, antes de esquecer o seu automóvel na garagem do hotel, passeie pela cidade que ostentava a maior renda per capita dos Estados Unidos no final do século XIX. Depois, faça tudo caminhando, ou de trenzinho elétrico. Vale dar uma espiada em bares descolados como o The Bull & Whistle Bar, localizado na legendária Duval Street, para tomar um chope, ouvir uma música ao vivo e apreciar o décor bem extravagante.

Key West também é um nicho para boas compras em boutiques e lojinhas charmosas, e não se espante com a farta oferta de charutos enrolados à mão. Cubanos?! De jeito nenhum! Consta que são provenientes da República Dominicana, embora a “ilha de Fidel”, vale salientar, fique a meras 90 milhas de distância.



SERVIÇO

Do aeroporto de Miami até Key West são 257 km pela US1.

ONDE FICAR:

Little Palm Island Resort & Spa em Little Torch Key

www.littlepalmisland.com

28500 Overseas Highway, Mile Marker 28,5

Little Torch Key

Misture uma ilha deserta com 30 bangalôs sofisticados (os mais luxuosos têm mais de 300 m²), praia particular, mar de almirante, spa, atividades náuticas, restaurante gastronômico e acrescente mordomia, privacidade e generosa dose de romantismo. Mescle tudo isso a um nome tropical (por conta das palmeiras que ornamentam o lugar) e você tem à mão um dos segredos mais bem conservados da Flórida, esparramado sobre Little Torch Key, uma das menores ilhotas que alinham o afamado arquipélago.

Ocean Key Resort & Spa em Key West

www.oceankey.com

0 Duval Street, Key West

A localização desse hotel é excepcional: literalmente se debruça sobre o oceano e garante um panorama indevassável sobre o Golfo do México. Ao mesmo tempo, está encravado em pleno centrinho – a praça Mallory e a Duval St. ficam a poucos passos dali. Além de uma bela piscina, o resort dispõe de spa luxuoso, academia, e variado leque de esportes náuticos à disposição dos hóspedes. As acomodações são amplas e algumas incluem banheira de hidromassagem.

Kona Kai Resort & Gallery, em Key Largo

www.konakairesort.com

Este resort é exclusivo para adultos e reflete o ambiente retrô dos Florida Keys. Tem uma pequena praia particular emoldurada por palmeiras, e oferece atividades náuticas como caiaque e canoagem, além de visitas guiadas ao jardim

botânico local. Os hóspedes são acomodados em bangalôs aconchegantes, cada um decorado de maneira individual e repletos de amenidades. Apesar de estar quase junto à rodovia, é abrigado o suficiente para garantir total privacidade, silêncio e tranquilidade.

IMPERDÍVEIS

Duval Street, Key West

A famosa e movimentada Duval Street pode ser considerada como a rua principal mais longa do mundo, pois se estende de costa a costa – do Atlântico ao golfo do México - e é uma das maiores atrações da charmosa cidadezinha balneária. Endereço ideal para perambular: não faltam lojinhas, restaurantes e bares descolados. Também se encontram inúmeros pequenos hotéis estilo B&B (bed& breakfast).

Key Lime Pie

Esta torta teve origem em Key West, a última ilha dos Florida Keys. A versão original da iguaria com sabor azedinho de limão – o lime, melhor dizer – foi elaborada numa época em que não existia nem refrigeração e nem gado na região, portanto o único leite disponível era o condensado – trazido por barco e mais tarde por via férrea. Está aí a explicação porque até hoje a receita não utiliza leite fresco. Alguns restaurantes locais, de Key Largo a Key West, personalizam as suas tortas e os chefs assinam embaixo.

ATIVIDADES NÁUTICAS EM KEY WEST

Fury Water Adventures

www.furycat.com

Tel.: (855) 808 9200

Tour em jet ski sozinho, a dois e até a três; voos de parasailing, pôr-do-sol a bordo de um catamaran, aluguel de lanchas... Todas estas aventuras aquáticas estão disponíveis nos arredores de Key West e podem ser agendadas com antecedência pela internet. Nenhum programa exige mais do que um formulário preenchido e uma caução.



TERRA EM TEMPOS

Mario Cravo Neto, *Deus na cabeça*, 1988
Foto: Romulo Fialdini

MAM Rio de Janeiro exhibe parte das coleções do museu para destacar lacunas e apontar criticamente as relações entre a história do Brasil e a imagem fotográfica. A Inauguração da mostra acontece no dia 26

Como pensar o processo de formação de uma identidade nacional? Que elementos compõem um retrato do Brasil? Que mitos e alegorias fundam esta construção e suas múltiplas dimensões identitárias? Quais marcos contemporâneos indicam essa brasilidade? Em camadas de interpretação sobrepostas, *Terra em tempos* se dedica a pensar criticamente a ideia de nação a partir do recorte das coleções do MAM Rio, e a revelar o conjunto de sintomas que nos constitui.

Mais de 240 fotografias produzidas de 1860 até hoje compõem a exposição *Terra em tempos* no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com inauguração marcada para o dia 26. A curadoria de Beatriz Lemos estabelece sete eixos temáticos que discutem as construções de identidade, cultura e história do Brasil, a partir do acervo da instituição. A mostra inclui um comissionamento da artista visual fluminense Aline Motta: uma remontagem da instalação *Filha natural*.

Evandro Teixeira, *Passeata dos 100 mil*, Rio, 1968-2008





Considerando as relações entre a história do Brasil e a imagem fotográfica, foram selecionados trabalhos de Alair Gomes, Claudia Andujar, Cristiano Mascaro, Duda Bentes, Elle de Bernardini, Evandro Teixeira, Geraldo de Barros, Iole de Freitas, Joaquim Paiva, Luiza Baldan, Marc Ferrez, Marcel Gautherot, Mario Cravo Neto, Maureen Bisilliat, Miguel Rio Branco, Pierre Verger, Sebastião Salgado, Simone Rodrigues e Walter Firmo, entre outros nomes.

Três obras de Aline Motta criam diferentes dinâmicas espaciais na sala expositiva e propõem outras leituras de episódios apagados pela história. Em sua pesquisa, a artista visual questiona o processo de construção da memória de pessoas racializadas e, por meio de vestígios documentais de sua própria família, mapeia narrativas ancestrais que permeiam as relações entre a diáspora africana e as consequências sociais herdadas do longo período de escravidão no Brasil.

Para Beatriz Lemos, a fotografia carrega em si o poder de eleger cortes de instantes que convocam nossa atenção: *“Enquanto código sensorial, cada fotografia nos desafia a encarar as presenças dentro de um mesmo fragmento e, paralelamente, a decifrar ausências. Voltar-se para o que é aparente nas imagens pode denunciar os silêncios e as faltas que as circunscrevem”*, afirma a curadora. *“Por meio de obras em diferentes suportes, técnicas e temporalidades, Terra em tempos abre a paisagem e provoca a interrogação das cenas em busca de chaves de leitura para o presente”*.

Sem obedecer a uma cronologia linear, os conjuntos fotográficos são apresentados em sete núcleos conceituais: estrutura, poder e



Luiza Baldan, *Sem título*, série *Natal no Minhocão*, 2009
Foto da artista

natureza; corpo e sujeito; família, afeto e moradia; trabalho e produção; tecnologia, fotografia e acesso; usos do espaço público e festividades; espiritualidade e mistério.

“Em um ano caracterizado pelas efemérides históricas, Terra em tempos apresenta um território nacional erguido com cenas que se justapõem e se sucedem, construindo narrativas que oferecem leituras e interpretações das imagens”, conclui Beatriz Lemos.

Parte das obras são acompanhadas de audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão, ou que desejam aprofundar suas experiências com o acervo do MAM Rio. Todos os textos da mostra são disponibilizados em versão digital, para acesso via celular e leitores de tela, e a equipe do museu está orientada a informar o público sobre as audiodescrições.

SERVIÇO

Terra em tempos

Abertura: 26 de março de 2022

Encerramento: 17 de julho de 2022

MAM Rio

End.: Av. Infante Dom Henrique, 85

Aterro do Flamengo – Rio de Janeiro

Tel.: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/>

Instagram: [@mam.rio](https://www.instagram.com/mam.rio)

Horários:

Quintas e sextas, das 13h às 18h

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h

Ingressos:

Contribuição sugerida, com opção de acesso gratuito

Valores sugeridos:

Adultos: R\$ 20

Crianças, estudantes e +60: R\$ 10

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos

AVISO:

Conforme o Decreto Municipal nº 49.335, é obrigatória a apresentação do comprovante de vacinação contra a Covid-19 para entrada no MAM Rio.



CALOR NA GALERIA MOVIMENTO (RJ)

Foto: Divulgação

Primeira mostra individual do artista tcheco Jan Kaláb no Brasil exhibe pinturas inéditas. Os trabalhos com cores vivas e brilhantes, realizados sobre telas curvilíneas em chassis confeccionados por ele mesmo, provocam um efeito hipnotizante. A inauguração acontece no dia 26

A exposição “Jan Kaláb – Calor” apresenta 15 pinturas inéditas e uma instalação feita especialmente para a Galeria Movimento pelo destacado artista tcheco, nascido em Praga em 1978. Oriundo do grafite e da arte urbana, em que desempenhou um papel central na

República Tcheca, as pinturas feitas com tinta acrílica não se limitam exclusivamente à superfície da tela esticada, pois um papel significativo é desempenhado pelos próprios chassis, que ele mesmo projeta e faz, em formas e superposições variadas, tornando-se em parte objetos tridimensionais. O efeito caleidoscópico obtido pelas formas instáveis, e as cores vivas e vibrantes, causam um efeito hipnotizante no espectador. A curadoria da mostra é de Ulisses Carrilho.

O curador comenta que as cores do trabalho de Kaláb têm uma onda térmica: “As obras têm alguma coisa de nuclear, de bombástica, de energia, de onda de calor. E as formas também parecem celulares, microscópicas, como um zoom in”. Ele acrescenta que há uma relação interessante entre a palavra calor, no português, e color (cor), no inglês. “O título da exposição é uma maneira de trazer essa luz, uma pertinência, uma atualidade, e uma temperatura que estão no trabalho dele”.

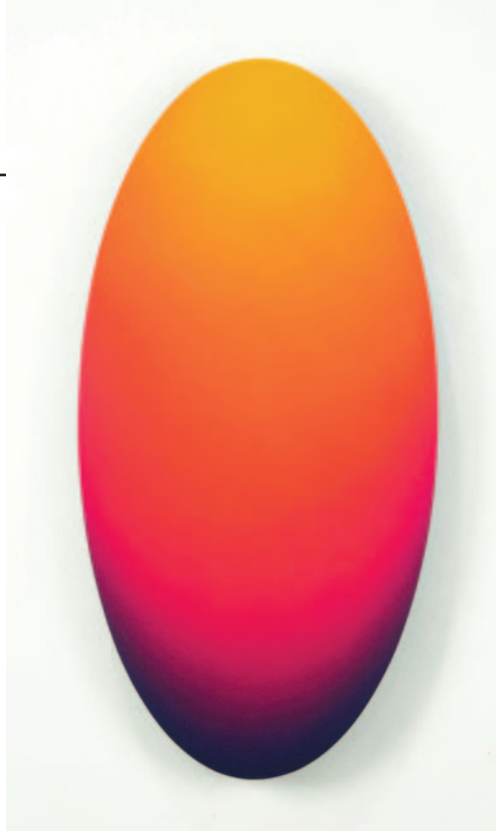


Foto: Divulgação

Carrilho destaca ainda que as formas e as cores utilizadas pelo artista sugerem estar em constante expansão e contração, em uma organicidade que é oposta de uma geometria fixada e apartada do mundo. Ele aponta também que “a pesquisa

feita por Jan Kaláb atualiza, por meio do espaço urbano das fachadas e da coisa pública, a questão da abstração, que ficou marcada como algo historicamente pensado de maneira separada do mundo”.

ESPERANÇA – THERE IS A LIGHT THAT NEVER GOES OUT

O curador complementa observando que “a cor no trabalho de Kaláb é uma questão extremamente fabulosa, é uma cor-luz. Dá uma sugestão de esperança, que me lembra o verso There Is A Light That Never Goes Out (Há uma luz que nunca se apaga), da música de Morrissey e Johnny Marr para o álbum The Queen is Dead (1986), do grupo The Smiths.”

POSSIBILIDADES DA TELA E SUPERPOSIÇÕES

Jan Kaláb explora ao infinito as possibilidades da tela como meio, fazendo superposições, criando novas formas. Desde 2013, as pinturas circulares tornaram-se mais uma de suas marcas artísticas. Inicialmente, Jan

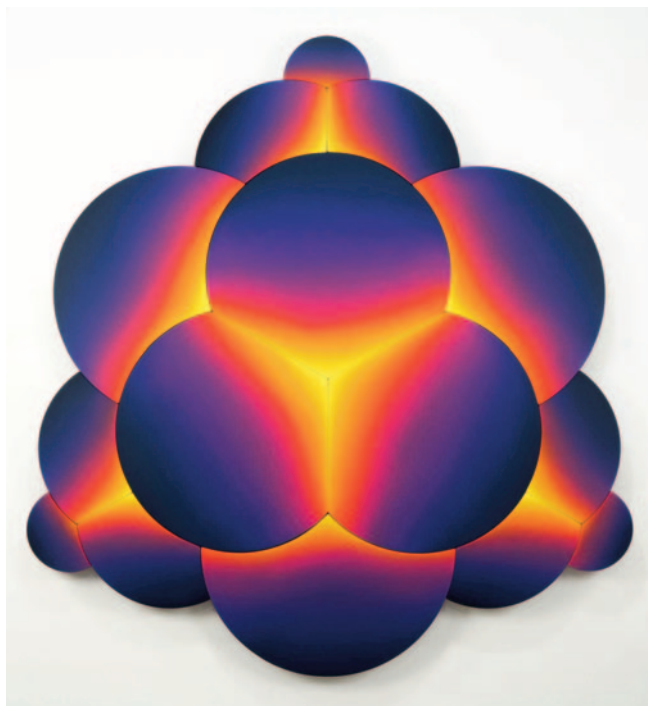


Foto: Divulgação

fez pinturas circulares onde as transições de diferentes cores, tons e camadas induzem a uma experiência quase psicodélica através da imersão em um espaço que parece fluido. O artista cria pinturas resplandecentes em formas orgânicas, brincando com variações na geometria, produzindo diversas estruturas e combinações. Ele captura a luz e a sombra que parecem se mover com as curvas da superfície, que acabam por se tornar um só elemento.

Para Kaláb, um círculo é meramente uma descrição bidimensional de uma esfera, ou do infinito que ela representa, e de alguma maneira tem seu centro em movimento, como a Terra. A precisão e o domínio téc-

nico são grandes qualidades do artista, e seu detalhamento busca as fronteiras entre o que está dentro e o que está fora, ou ainda sobre a percepção enigmática da imagem e as relações possíveis entre o espectador e a superfície.

“Meu trabalho é obviamente não-narrativo. É emocional. Eu tento transmitir uma emoção universal que poderia ser entendida por qualquer um, mesmo um alien. Eu acredito que é possível trabalhar muito abstratamente, mas criando sentimentos concretos, ou resgatando algumas memórias, como ocorre com os sabores”, explica Jan Kaláb.



Foto: Divulgação

SOBRE JAN KALÁB

Nos últimos dois anos, Jan Kaláb ganhou exposições em Xangai, Miami, Bruxelas, Paris, Madri, Basel e Londres, o que dá bem a medida de sua atuação no circuito internacional da arte, desde 2001.

Nascido em 1978, em Praga, Kaláb – um dos mais reconhecidos precursores do grafite em seu país sob o nome “Cakes” – rapidamente se tornou uma figura cen-

tral no cenário da arte urbana na década de 1990, quando fundou a icônica equipe DSK, fundamental para a introdução deste movimento na República Tcheca. Usando o nome “*Point*”, Kaláb ultrapassou seus próprios limites e começou a fazer grafite 3D. Mais tarde esculpiu enormes letras abstratas que escolheu colocar nas ruas e nas paredes, inovando a cena urbana. Essas esculturas o levaram à abstração, caminho que vem explorando com precisão através das telas desde 2007, usando pintura acrílica.

Após sua trajetória no cenário artístico europeu, foi para Nova York, onde colaborou em vários projetos de grafiteiros célebres: Key Detail e Rome. Como parte de seu desenvolvimento, estudou na Academia de Artes, Arquitetura e Design e na Academia de Belas Artes de Praga, e gradualmente foi se tornando um pintor abstrato.

O trabalho do artista é acompanhado por constantes pesquisas de novas técnicas e estruturas. Através da morfologia geométrica, pintura acrílica precisa ou superfícies em camadas, ele começa a analisar o espaço dentro de uma imagem clássica. O compromisso ilimitado, a alegria da descoberta lúdica e a superação de suas possibilidades levam Jan Kaláb a inovar e remover fronteiras entre gêneros artísticos.

No Brasil participou das exposições *De Dentro e de Fora*, no MASP, em 2011, e da primeira *Bienal de Grafite* no MUBE, em São Paulo, em 2010.

Com uma sólida trajetória internacional, Jan Kaláb também está em ascensão no mercado da arte, e cinco pinturas recentes suas foram arrematadas em leilões da Sotheby’s, no Reino Unido e na Alemanha em 2021 por mais de R\$ 530 mil. Em 2020, criou a obra *Vírus 0420 – Anticovid*, e o valor arrecadado de cerca de R\$205 mil, na principal casa de leilão de Praga, a Kodl Galerie, foi revertido para organizações não-governamentais da República Tcheca.

SERVIÇO

Exposição “Jan Kaláb – Calor”

Galeria Movimento

R. dos Oitis, 15 - Gávea, RJ

Abertura: 26 de março de 2022, das 13h às 18h

Até: 14 de maio de 2022

Entrada gratuita

<http://www.galeriamovimento.com/>

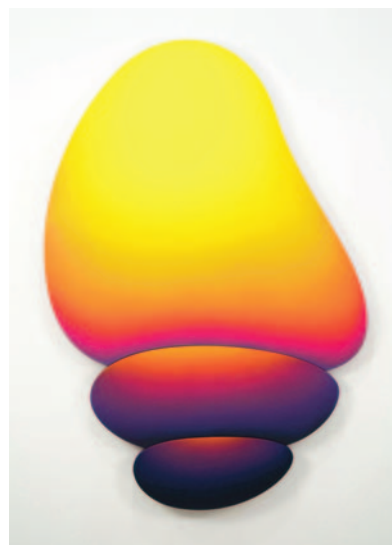


Foto: Divulgação

STREET ART NA AMAZÔNIA
AMPLIA A GALERIA FLUVIAL
DAS ILHAS DO PARÁ)



Casas ribeirinhas ganham cores, água potável e energia solar na 5ª. edição do Street River Amazônia. Projeto também implementa sistemas de água tratada nas casas grafitadas e energia fotovoltaica em uma escola. O resultado das novas pinturas será exibido em visitas guiadas gratuitas nos dias 5 e 6

No final de fevereiro, 10 artistas da *StreetArt* chegaram à Ilha do Combu, em Belém, para pintar as fachadas de quinze casas ribeirinhas, ampliando ainda mais a Galeria Fluvial que começou a ser construída em 2015. O projeto teve início com a vivência entre artistas e comunidade para definir a pintura. Em paralelo, foram criadas cinco oficinas para atender cerca de 200 crianças, jovens, alunos ribeirinhos e professores da rede pública

de ensino. Além do trabalho artístico, as casas receberam também sistema de água potável; uma escola da comunidade será equipada com energia fotovoltaica.

A quinta edição do projeto é uma realização da *Sonique Produções*, de Gibson Massoud. “Quando fui convidado pelo Sebá Tapajós entrei de cabeça. Estou empenhado em fazer um projeto cada vez mais estruturado e, aos





poucos, navegar por outros lugares. O chamado dos rios e do povo da Amazônia é urgente e a arte é uma aliada para trazer o tema à tona de forma colorida e propositiva” – disse Gibson, que também assina a coordenação de comunicação do projeto.

As primeiras quatro edições do *Street River Amazônia* foram feitas de forma independente e colaborativa pelo idealizador do projeto, o artista Sebá Tapajós, que em 2015 pintou as primeiras cinco casas de ribeirinhos da Ilha do Combu. “Ao transformar palafitas em obras de arte a céu aberto, o projeto chama a atenção para a vida do povo ribeirinho e traz visibilidade para a urgência de preservação da Amazônia, dos seus rios e da sua cultura”, afirma o precursor da iniciativa.

Filho de Sebastião Tapajós, o artista é o idealizador da Galeria Fluvial. Por meio do projeto, carrega o legado de dar voz aos povos ribeirinhos e utiliza a arte como meio de transformação da realidade de comunidades tradicionais. O coordenador artístico do projeto é daltônico. A alteração visual o impede de enxergar as cores como elas realmente são. Apesar da restrição, é um apaixonado pelo grafismo, e brinca com as cores em sua aplicação: “Posso pintar o céu de amarelo ou o dente de azul, por exemplo”, conta Sebá. A curadoria é de William Baglione, fundador do coletivo de artistas *Famiglia* (2005 - 2012).



OS ARTISTAS

Além de uma forte relação com o grafite, os dez artistas convidados para a edição de 2022 possuem conexão com a natureza. *“A curadoria levou em conta a diversidade de gênero, territorial e racial, buscando também artistas que tivessem em comum a pintura como ferramenta de transformação social e econômica”*, diz o curador. Amorinha, Anderson Ghasp, Auá, Kadois, Luiz Júnior, Mama Quila, Moka, Pati Rigon, Robson Sark e Thiago Nevs são os artistas convidados da edição de 2022.

LEGADOS: ARTE, SANEAMENTO E ENERGIA LIMPA

A Ilha do Combu, localizada a vinte minutos de barco

do centro de Belém-PA, é um ponto turístico da cidade e recebe visitantes do mundo inteiro que buscam contato com as belezas naturais da Amazônia e com a gastronomia regional. Os moradores têm como principal fonte de renda o extrativismo vegetal (açaí e cacau) e a pesca.

“O Street River Amazônia prevê como contrapartida à cessão da fachada das suas casas, benfeitorias a estas famílias e seus vizinhos com a pintura base das casas com tinta anti-mofo e sistemas de tratamento da água das chuvas (muito frequente na região) para água potável” – conta Sebá Tapajós.

Entre 2015 e 2019 foram pintadas 37 casas e instalados 18 filtros de água, 12 cisternas de 240 litros e sistema fotovoltaico em duas escolas. Nesta edição, são 15 casas pintadas, 12 filtros de água e sistema fotovoltaico em uma escola.

A iniciação em artes plásticas, pintura e grafite, também estimula os moradores da comunidade a darem manutenção e continuidade à iniciativa, além de criarem suas próprias leituras, como é o caso do Xidó: *“Eu não dava valor a minha arte. Pintava para beber e usar drogas. Talvez se eu estivesse no mundo sem conhecer o Sebá, eu já estaria morto”*. O artesão constrói maquetes de palafitas grafitadas, inspiradas da galeria *Street River*, e seu trabalho já foi exposto em São Paulo por meio do projeto.

VISITAÇÃO ÀS CASAS GRAFITADAS NA ILHA DO COMBU

Para a entrega das obras e benfeitorias, o projeto terá um fim de semana de visita guiada e gratuita, nos dias 5 e 6 de março. Duas embarcações farão o circuito durante o dia inteiro, levando o público a conhecer as obras e visitar a galeria fluvial, exposição fotográfica. A galeria a céu aberto, no entanto, pode ser visitada o ano inteiro por meio de passeios organizados pela própria comunidade.

Aprovada pela Lei Federal de Incentivo à Cultura do Ministério do Turismo, essa edição é apresentada pela BB Seguros e tem o patrocínio do Boulevard Shopping de Belém, além do apoio da Secretaria de Estado de Turismo (SETUR).



Informações:

www.streetriver.com.br

TERRY GILLIAM

Atividades paralelas com debate, palestra, aula magna e sessões de acessibilidade compõem a grade de programação

De 22 de março a 17 de abril, o CCBB Brasília exhibe a mostra *Terry Gilliam – o onírico anarquista*. Trata-se da mais abrangente retrospectiva realizada no Brasil sobre o diretor, ator e animador americano naturalizado inglês, e que integrou o importante grupo de humor *Monty Python*. Além das 28 produções em sessões presenciais, também acontecerão atividades paralelas em formato online, e a exibição (online) de 2 filmes com recursos de acessibilidade. Toda a programação será gratuita. O evento, que já foi apresentado no CCBB Rio de Janeiro, seguirá para o CCBB de São Paulo (30 de março a 25 de abril).

Sob curadoria do diretor, produtor, roteirista, escritor e crítico de cinema Eduardo Reginato e do cineasta e editor Christian Caselli, a mostra conta a história cinematográfica de Terry Gilliam, de 81 anos. Entre as pro-

duções exibidas, constam *“Brazil – o Filme”* (1985), *“Os doze Macacos”* (1995) e *“Monty Python em Busca do Cálice Sagrado”* (1975), que se juntam aos curtas *“Storytime”* (1968), *“O Milagre do Vôo”* (1975) e *“The Wholly Family”* (2011), entre outros.

Documentários assinados por diferentes diretores sobre Terry Gilliam completam a programação. A mostra traz ainda um catálogo especial onde cada autor escreve um texto por filme – a publicação é a primeira no Brasil em língua portuguesa, e está disponível gratuitamente para download em blg-entretenimento.com.br/terrygilliamrj. A produção é da BLG Entretenimento.

Terry Gilliam é um dos mais cultuados criadores de sonhos e pesadelos no mundo do cinema, uma lenda da cultura pop, um dos realizadores cinematográficos mais prestigiados desde o início dos anos 1980, um dos mestres da animação experimental desde o final dos anos 1960 e, por fim, um dos integrantes – o único americano – do grupo inglês de humor *Monty Python*. Seu trabalho é uma visão assustadora, hilária, dramática, poética e arrebatadora de um mundo carregado de realismo fantástico, flanando entre distopias, loucura, poesia, amor e destruição.



Brazil – O Filme



Monty Python em Busca do Cálice Sagrado



Storytime



Os 12 Macacos

Segundo Eduardo Reginato, Gilliam é fascinado pelo período Barroco por conta da pronunciada luta entre espiritualidade e ecletismo dicotômico. *“A partir disso, seu cinema é dado a justaposições incongruentes de beleza e fealdade ou antiguidade e modernidade. Os filmes de Gilliam têm uma aparência distinta, não apenas em mise-em-scène, mas ainda na fotografia para criar uma atmosfera surreal de inquietação psicológica e um mundo fora de equilíbrio, sendo frequentemente usados ângulos incomuns de câmera. O famoso crítico americano Roger Ebert disse que o mundo de Gilliam é sempre alucinatório em sua riqueza de detalhes”,* explica.

As influências barrocas não são apenas teóricas; o cinema de Terry Gilliam é o cinema do gigantismo. *“São imensos cenários, uma arquitetura abrangente, decadente e opressora, são essas as representações filmicas de Gilliam: dos sistemas infinitos e burocráticos, das instituições que aniquilam a liberdade do indivíduo, mas onde o indivíduo ainda tem uma última possibilidade de sonhar ou lutar tentando destruir um sistema autocrático”,* diz Christian Caselli.

SERVIÇO

Terry Gilliam – o onírico anarquista

Local: CCBB Brasília (Setor de Clubes Sul - Trecho 2 - Lote 22)

Data: 22 de março a 17 de abril

Confira a programação da mostra em <https://www.eventim.com.br>

Entrada franca – Ingressos: Os ingressos gratuitos serão disponibilizados no app ou site da Eventim no dia da sessão, a partir das 9 horas. Até 2 (dois) ingressos por CPF.

Lotação: 30 lugares.

Confira as normas de visitação e segurança referentes à COVID-19 no site www.bb.com.br/cultura e na emissão do ingresso.

Informações: (61) 3108-7600 ou pelo e-mail ccbbdf@bb.com.br



Foto: Divulgação

SKYE, restaurante do luxuoso
HOTEL UNIQUE (SP),
lança clássicos da coquetelaria em garrafas
assinados por Alê D'Agostino
e Vicente de Paulo

O hotel Unique, um dos mais renomados de São Paulo, estreou uma coleção de bebidas assinadas pelos *bartenders* Alê D'Agostino e Vicente de Paulo, com ilustrações feitas pelo artista plástico Guilherme Kramer. O bar e restaurante Skye iniciou a venda dos drinques engarrafados de luxo para serem consumidos no local ou levados para casa.

Entre as opções estão três clássicos da coquetelaria: o *Unique Negroni*, o *K6* (gim, licor de Cassis e vermute branco seco) e o *Skye Breeze* (Bourbon, vermute tinto, Luxardo Maraschino e Angostura). As garrafas podem ser encontradas em versões de 750ml e 375ml, por valores de R\$ 330 e R\$ 178, respectivamente. Também é possível pedir doses no restaurante por preços a partir de R\$ 58,00.

“Ficamos honrados com o convite para a curadoria desta coleção; escolhemos os drinques pensando em promover a ideia de coquetéis engarrafados e nas melhores bebidas para serem consumidas apreciando a vista no lounge do Skye”, comenta Alê D'Agostino, também fundador da destilaria APTK Spirits.

O Skye é considerado um dos melhores restaurantes de São Paulo. Localizado na cobertura do Hotel Unique, possui piscina avermelhada e disputado lounge com vista panorâmica para o Parque Ibirapuera e todo o horizonte da capital paulista. O restaurante tem acesso independente pelo elevador panorâmico do hotel.

Alexandre D'Agostino é sócio e um dos principais nomes da APTK; ele assina as receitas dos coquetéis engarrafados criados pela marca. Vicente de Paulo é chefe dos bares do Hotel Unique, famoso por suas criações originais.

Skye

Avenida Brigadeiro Luís Antonio, 4.700 – 8º Andar Hotel Unique

APTK: <http://www.aptkspirits.com>



Foto: Divulgação

MUSEU DO PONTAL

Síntese poética da arte popular do Brasil



Numa tarde de sol, na minha peregrinação a museus (sempre que venho ao Rio visito todos os museus e exposições) fui ao magnífico Museu do Pontal

Maria Hermínia Donato

E o adjetivo magnífico não é exagero: ele preserva retratos da memória de um país rico em cultura e diversidade. Reconhece e valoriza a arte popular brasileira, com pesquisa, competência, orgulho e sabedoria, engrandecendo e divulgando seu amplo acervo.

Tanto Brasil num lugar só. A arte popular brasileira está de casa nova, diz o site do museu.

E que casa maravilhosa!

Impossível não fazer um paralelo com a antiga sede do Museu Casa do Pontal, em visitas realizadas anos atrás. Na última, o prédio mostrava os sérios problemas

decorrentes das oito (!) inundações que sofreu. Até a construção das novas instalações, foram 10 anos de luta para preservar seu riquíssimo acervo, tombado em 1991, e que recebeu várias premiações, entre elas a Ordem do Mérito Cultural, em 2005.

Há que se destacar também que o escritor português José Saramago, ao olhar algumas das milhares de pequenas esculturas na sua visita ao Museu do Pontal, encontrou sua primeira inspiração para escrever “*A Caverna*”, livro publicado em 2000. Quatro anos depois, Gilberto Gil, na época Ministro da Cultura, afirmou: “*O Museu Casa do Pontal é um retrato 3x4 do Brasil*”. E em

Foto: Maria Hermínia Donato





Foto: Vera Matagqueira

2010 a instituição ganhou o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, na categoria *"Patrimônio Material"*.

PASSEANDO PELO PONTAL

A trajetória expositiva do museu nos permite apreciar detalhadamente cada obra do extensivo acervo criado a partir dos 45 anos de pesquisas e viagens do designer francês Jaques Van de Beuque (1922-2000), radicado no Brasil desde 1946, quando aqui chegou incentivado pelo pintor Cândido Portinari (1903-1962).

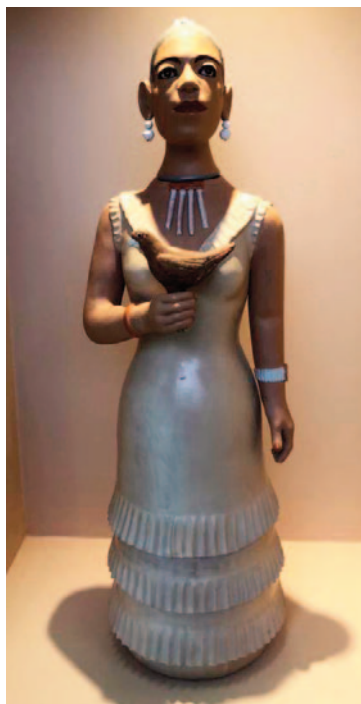
Mais de nove mil peças de 300 artistas compõem o Museu do Pontal. E seu acervo vem aumentando ao longo do tempo: tanto na gestão do filho de Jaques, Guy Van de Beuque (1951-2004), quanto na de Angela Mascelani, diretora que agora divide o cargo com Lucas Van de Beuque, neto do idealizador e criador do museu. Esse ano estão previstas aquisições de obras de 15 artistas.

"Novos Ares: Pontal Reinventado" é o título que compreende o conjunto de exposições do museu, com obras do acervo e de importantes coleções convidadas. Com mais espaço expositivo, a nova sede apresenta um número maior de obras em áreas monográficas e temáticas.

A expografia é irretocável. A materialização da forma na comunicação com o público nos leva a percorrer vagarosamente todas as salas. Obras de artistas conhecidos e menos desconhecidos exibem os detalhes mais sutis de um Brasil profundo revelado pelo estilo singular das obras de arte popular : GTO (1913 – 1990), de Minas; Nino (1920-2002), de Juazeiro do Norte (CE); artistas inovadores da Ilha do Ferro, Alagoas; Otávio e seus orixás; Mestre Didi (1917), da Bahia, e sua estética afro-brasileira; Zé do Carmo (1934), de Pernambuco, com seus anjos negros Puro encantamento!

As exposições e a programação do Museu do Pontal são pensadas também para crianças, dando continuidade à proposta de manter viva a cultura popular.

E foi essa proposta de divulgar a arte popular que tornou reconhecidos internacionalmente artistas como Mestre Vitalino (1909-1963), de Caruaru - PE, e suas antológicas esculturas, e dona Isabel Mendes da Cunha (1924-2014), artesã de bonecas do Vale do Jequitinhonha.



Fotos: Maria Hermínia Donato

A importância de ambos é incomensurável. Seus legados mostram as características de uma comunidade, sua história, memória e tradição, a identidade de um povo. Suas peças sensibilizam e nos levam a refletir sobre a vida e simplicidade do cotidiano.

Vitalino Pereira dos Santos, ceramista e músico, foi pessoa-chave na transformação do Alto do Moura, Caruaru; seu sucesso incentiva famílias inteiras a se ocupar da produção de cerâmica. Segundo a Unesco, a região de Vitalino é um dos importantes centros de arte figurativa das Américas.

Quem diria que menino que começou modelando animais rurais para brincar, usando os restos de argila da

produção de utensílios domésticos de sua mãe, se transformaria num dos mais conhecidos nomes (Museu do Louvre- Paris) da arte popular brasileira?

Isabel Mendes da Cunha, como Vitalino, ainda criança começa sua arte imitando sua mãe paneleira – expressão usada no Vale do Jequitinhonha para fabricante de cerâmica utilitária. Das panelas e tigelas passa a modelar animais e bonecas para sustentar seus filhos, ao ficar viúva.

Com o sucesso de suas peças, as bonecas passam a ter detalhes mais elaborados e características próprias: olhos em alto relevo (antes eram pintados) e o uso de barro colorido, uma técnica ainda utilizada no Vale do



Foto: Rogério Von Kruger / Divulgação



Foto: Maria Herminia Donato



Foto: Rogério Von Kruger / Divulgação

Jequitinhonha. Casal de noivos, mulheres amamentando, rituais de festas confeccionados com primor e com grandeza de detalhes são algumas de suas marcas. Hoje, a escola de cerâmica iniciada por dona Isabel, inclui, além de sua família, vários outras artesãs de Santana do Araçuai.

As cores das peças de dona Isabel me fizeram lembrar de um episódio que aconteceu comigo recém-chegada a Londres. Estudei cerâmica na *Harrow School of Art*, hoje, Universidade de Westminster, Londres. Meu aprendizado, no entanto, teve início na Cerâmica Lalu, Rio de Janeiro, quando minha amiga Solange Nazareth deixou temporariamente suas atividades para se dedicar ao filho Pedro, que acabara de nascer. Fato é que da administração passei a me interessar pela manufatura e fui aprender.

E não me esqueço de um professor que, ao examinar meu trabalho, afirmou que eu estava tendo um “choque cultural” porque usei rosa, turquesa e verde nos trabalhos que produzia. Pode? Na Europa, as técnicas artesanais são aprendidas em cursos universitários, não se valoriza o autodidata, o *must* é a autoexpressão, peças únicas na sua maioria almejando valorização e preços altos.

HERANÇA ARTESANAL

Ao longo do tempo, muitos se debruçaram sobre a “importância da composição eclética da nossa herança artesanal”, frase cunhada por Ferreira Gullar. Entre al-

guns dos que fizeram diferença constam Gilberto Freyre e Mário de Andrade, passando por Lina Bo Bardi, Aluísio Magalhães e Janete Costa.



Foto: Maria Herminia Donato

sio morreu muito cedo e não pode dar continuidade ao seu projeto. Seu legado, porém, é referência nos estudos de nossa cultura.

A arquiteta Lina Bo Bardi via a cultura brasileira pelo olhar antropológico, e a afinidade da vanguarda com a tradição popular. Querendo inserir a cultura popular no domínio do museu de arte, criou em 1969 a exposição *“A Mão do Povo Brasileiro”*, mostra temporária inaugural da sede do MASP – Museu de Arte de São Paulo, exposição que em 2016 teve uma releitura da mostra original. A influência da arte popular brasileira é visível nos seus projetos de arquitetura.

Aluísio Magalhães, em 1975, fundou o CNRC – Centro Nacional de Referência Cultural que tinha como principal objetivo mapear, documentar e conhecer as riquezas brasileiras, materiais e imateriais e entender toda a diversidade cultural do país. O maior objetivo era a intenção de entrar em contato com diversos níveis de realidade cultural e olhar para elas em função de uma visão de conjunto, sugerindo uma busca por uma identidade nacional; um “fazer brasileiro”.

Apesar do curto espaço de tempo da ação de Aloísio Magalhães à frente da instituição, e mesmo da curta duração do CNRC (1975 a 1979), esse período deixou uma forte marca nas políticas de preservação do patrimônio cultural como um todo. Infelizmente, Aloí-

A linha divisória entre arte e artesanato vem se diluindo na contemporaneidade. E artistas como Ernesto Neto, Leonilson, Hélio Oitica, Beatriz Milhazes, Brígida Baltar, Ana Miguel e Renato Bezerra de Mello, entre muitos outros, se apropriam de materiais e técnicas antes vistas como artesanais para a criação de suas obras.

A globalização pode trazer uma desterritorialização. E isso faz a gente sentir necessidade de pertencer a algum lugar, o nosso canto específico no mundo que nos define.

SERVIÇO

Museu do Pontal

Av. Célia Ribeiro da Silva Mendes, S/N

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro

Aberto de quinta a domingo, das 10h às 18h*

*O acesso às exposições se encerra às 17h30, meia hora antes do horário de fechamento do museu.

Por conta das datas internacionais dos dias 8 e 21 (Dia Internacional das Mulheres e Dia Internacional pela eliminação da Discriminação Racial, respectivamente), a programação desse mês é dedicada à mulher e à luta antirracista.

Maiores informações sobre o Museu visite

www.oxigeniorevista.com – edição de outubro 2021.

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista